

Funcionário da Funai é morto a tiros no MT



Antônio Assis, 37, funcionário da Fundação Nacional do Índio, foi morto com dois tiros em operação contra garimpo na reserva indígena Sararé, em Pontes e Lacerda (MT).

A Funai disse que os garimpeiros sequestraram e assassinaram Assis. Sindicato de garimpeiros da Amazônia negou. Para a Polícia Federal, a ação da Funai foi "precipitada".

A família de Assis pretende cobrar na Justiça indenização do governo federal. PÁG. 1-9

Funcionário da Funai é morto em conflito

Indigenista é atingido por dois tiros durante operação de retirada de garimpeiros em reserva no Mato Grosso

WAGNER OLIVEIRA
Da Agência Folha

O funcionário da Funai Antônio Pedroso Assis, 37, foi morto com dois tiros durante uma operação de retirada de garimpeiros da reserva indígena Sararé, no município de Pontes e Lacerda (MT).

Segundo o administrador regional da Funai em Vilhena (RO), Doralício Dorneles da Costa, Assis foi sequestrado na quarta-feira e provavelmente teria sido morto anteontem pelos garimpeiros.

A operação foi realizada por funcionários da Funai (Fundação Nacional do Índio), sem o apoio de agentes da Polícia Federal.

Na última quarta-feira pela manhã, sete funcionários da Funai de Vilhena (RO) foram checar uma informação fornecida pelos índios, de que cerca de 50 garimpeiros estavam atuando no garimpo Ferrugem, localizado dentro da reserva.

Segundo o chefe da operação, Célio Henrique Augusto, 32, a equipe foi recebida a tiros pelos garimpeiros. Ele disse que o grupo se dispersou para escapar e depois respondeu aos tiros. Dez minutos após o tiroteio, o grupo se reuniu e notou a ausência de Assis.

Na procura pelo colega, os funcionários da Funai prenderam quatro garimpeiros. O corpo de Assis foi encontrado anteontem à noite em uma vala próxima ao acampamento dos garimpeiros. "Nosso companheiro foi executado pelos garimpeiros, pois os tiros foram dados à queima-roupa, na altura do coração", afirmou Augusto.

Segundo o administrador da Funai, os garimpeiros presos correm risco de serem linchados pelos 150 nhambiquaras que vivem na reserva. Os quatro garimpeiros, cujos nomes Costa não soube informar, estavam sendo protegidos dos índios por dez funcionários do posto da Funai na reserva.

Na semana passada, a Funai prendeu seis pessoas e apreendeu dez caminhões e nove tratores usados na retirada de madeira da reserva, rica em mogno. Para Costa, a apreensão de equipamentos e a prisão de seis pessoas devem ter revoltado os garimpeiros.

O administrador da Funai em Vilhena disse que a Polícia Federal não participou da ação porque não achou necessário: "Nossa equipe foi ao local checar a informação e não retirar os garimpeiros". A PF criticou a operação.

Um delegado e oito agentes da Polícia Federal se deslocaram ontem à tarde de Cuiabá (MT) a Pontes e Lacerda para apurar o caso. Costa iria se juntar ontem à equipe da PF para ir à reserva. Os agentes eram aguardados ontem na área indígena para resgatar os quatro presos e iniciar buscas dos assassinos.

"Depois de entregar os garimpeiros presos à PF, pretendemos voltar ao garimpo e retirar os invasores", afirmou.

O delegado da União Sindical dos Garimpeiros da Amazônia Legal, José Altino Machado, disse que a Funai não pode acusar garimpeiros pelo crime antes de uma investigação policial. "Para a Funai fica fácil dizer que foi um garimpeiro. A opinião pública quer uma resposta e nem é preciso investigar o que houve", disse.

O médico legista Gustavo Henrique Alves, que fez a autópsia no corpo, disse que Assis foi morto com dois tiros paralelos no lado esquerdo do tórax. Os tiros, segundo o legista, foram dados pela frente, à curta distância. Um avião levou o corpo de Assis para Rolândia (PR), onde seria enterrado.

Colaborou **LUCAS FIGUEIREDO**, da Sucursal de Brasília

PF afirma que operação foi 'precipitada'

Editoria de Arte/Folha Imagem



Da Agência Folha

O coordenador regional da Polícia Federal no Mato Grosso, delegado Renato Lampert, disse que a operação da Funai na reserva indígena Sararé foi "precipitada".

Para Lampert, a Funai deveria ter adiado a operação e fazer um pedido de apoio à Polícia Federal que iria planejar uma ação.

"Historicamente, a região é de conflito. A Funai, sabendo que cerca de 50 garimpeiros estavam lá, não poderia ter enviado ao local sete homens armados. Deus que deu", disse Lampert por telefone à Agência Folha.

O administrador regional da Funai, Doralício Dorneles da Costa, disse que, por falta de verbas da Polícia Federal, não tem havido atendimento dos pedidos para a retirada de invasores das reservas indígenas.

O delegado Lampert negou falta de verbas. "O que precisamos é comunicação prévia por parte da Funai para fazermos um planejamento", afirmou.

"Por isso que a Polícia Federal dificilmente tem agente morto neste tipo de ação, pois há um planejamento", declarou.

O coordenador regional disse que a Polícia Federal retirou diversas vezes garimpeiros da reserva Sararé. "Mas eles voltam 40 dias depois", afirmou.

A Funai informou que irá tentar retirar os garimpeiros da reserva indígena Sararé o mais rápido possível, desta vez com a ajuda da Polícia Federal.

(Wagner Oliveira)

Família quer indenização

MÔNICA SANTANNA
Da Agência Folha, em Curitiba

A família de Antônio Pedroso Assis pretende entrar com um pedido de indenização contra o governo federal. Maria Aparecida de Castro, 42, irmã mais velha de Assis, disse ontem à Agência Folha, por telefone, que a indenização servirá para sustentar suas duas sobrinhas, de 7 e 8 anos.

O corpo de Assis deveria chegar ao aeroporto de Londrina por volta das 21h e seguiria de carro até Rolândia, distante 30 km, onde seria velado na casa dos seus pais, no bairro de Jardim Rosângela. O enterro será realizado hoje no cemitério municipal.

Maria Aparecida afirmou que ficou sabendo da morte do irmão na noite de anteontem. "Meu pai está se recuperando de um derrame e ficou muito abalado. Eu estou com medo que ele morra também. Minha mãe não se conforma", disse.

Segundo ela, Assis era o irmão caçula. "Eu ainda não acredito que isso tenha acontecido. Para mim, ele está viajando", disse.

Maria Aparecida afirmou que sempre pedia a Assis para voltar a morar em Rolândia, mas ele não queria. "Ele gostava de morar em Vilhena e disse que já estava acostumado com a vida de lá".

Assis, segundo a irmã, era um rapaz tranquilo: "Faço questão de que a morte dele seja esclarecida".

Class. 14/10/95 Pg. 1 cont. 14/10/95